

---

**A dor de não poder morrer.  
Sobre o “delírio das negações”,  
de Jules Cotard**

Mario Eduardo Costa Pereira

---

Certos autores trazem algumas contribuições tão decisivas para a história das idéias, que seus nomes permanecem para sempre indissociáveis de suas próprias descobertas. Este é, indiscutivelmente, o caso de Jules Cotard.

Nascido em 1840, na pequena cidade francesa de Issoudun, Cotard seguiria seus estudos de medicina em Paris, onde foi aluno de Broca, Vulpian e de Charcot. Interessando-se desde cedo pela neurologia, ele defende em 1868 sua tese de doutorado, que consistia de um estudo sobre a atrofia parcial do cérebro.

Uma brilhante carreira neurológica parecia anunciar-se até que, sob a influência do grande Charles Lasègue, de quem acompanhava com grande admiração as atividades clínicas na Prefeitura de Polícia de Paris, passou a dedicar-se à psiquiatria.

Em 1874, por intermédio do mesmo Lasègue, é apresentado a Jules Falret, com quem inicia uma amizade e uma colaboração científica estreitas, que perdurará até a morte precoce de Cotard, em 1889. Estes dois homens trabalharão juntos durante quase um quarto de século no asilo de Vanves.

Sua contribuição ao campo da psicopatologia, embora relativamente vasta, é marcada pela descrição de um quadro clínico particular, observado em estados psicóticos sobretudo de natureza melancólica, ao qual chamará de “Delírio das

---

negações”. Este entraria para a posteridade sob a denominação dada por Régis, de “Síndrome de Cotard”.

A especificação desse estado tão peculiar seria feita progressivamente em quatro artigos, publicados entre 1880 e 1888. O texto fundador apareceu nos *Annales Médico-Psychologiques* com o título de “Du délire hypocondriaque dans une forme grave de la mélancolie anxieuse”. O segundo, certamente o artigo mais completo e mais importante do ponto de vista descritivo, chamava-se “Du délire des négations” e foi publicado em 1882 nos *Archives de Neurologie*. São esses dois trabalhos decisivos para a compreensão dos processos melancólicos mais extremos que estão traduzidos no presente número da *Revista Latinoamericana de Psicopatologia Fundamental*.

Os outros dois artigos apareceram em 1884 e em 1888, um tratando sobre a perda da visão mental na melancolia ansiosa e, o último, também publicado nos *Annales*, descrevia um estado de pseudo-megalomania observado nos estados de delírio melancólico, no qual o paciente não apenas sente que já está morto, mas também que é imortal e que seu corpo cresce de uma maneira monstruosa englobando todo o universo.

Na verdade, o quadro descrito por Cotard refere-se a um estado delirante que manifesta-se sobretudo – mas não exclusivamente – nos quadros melancólicos graves, em geral indicando a passagem à cronicidade. O paciente tende a negar sistematicamente a existência de seus órgãos, por vezes de seu próprio corpo. Trata-se de um delírio niilista, segundo o qual o indivíduo sente-se já morto ou, ao contrário, padecendo de uma imortalidade dolorosa, de uma impossibilidade de morrer definitivamente, estando condenado a um sofrimento perpétuo. Frequentemente, o paciente implora para que o matem, o queimem, que lhe permitam morrer. Em sua versão de “enormidade”, o corpo torna-se sem fim, sem limites, em expansão infinita, deixando ao sujeito uma experiência de horror. Ocorre uma perda das significações e um esvaziamento do mundo, o que se reflete num estado de anestesia afetiva, de vazio e de indiferença e no clássico sintoma do “sentimento de falta de sentimento”.

Há uma profunda alteração da vivência temporal. Marcel Czermak apresenta um caso clínico no qual a paciente expressa-se pelos seguintes termos: “O tempo não passou. Para mim, o tempo está bloqueado... Vou viver eternamente, sem alma, meu corpo não terá fim”<sup>1</sup>.

Em geral, “o negador é um melancólico ansioso, por vezes estupefocado, ele é auto-acusador, denigre-se, crê-se danado. Suicida-se e automutila-se facilmente”<sup>2</sup>.

A ansiedade é, de fato, um elemento marcante, que se manifesta no primeiro plano do quadro clínico da maior parte dos casos. São comuns as alucinações visuais (como as visões dos suplícios do inferno). O desespero face ao desaparecimento dos valores éticos, da falta ou da morte de Deus e a aniquilação do espírito também são queixas constantes.

Para bem marcar a especificidade de seu “delírio das negações” em relação a outros estados delirantes crônicos, tão estudados pela psiquiatria francesa, Cotard visa, especialmente no artigo aqui traduzido sobre “O delírio das negações”, estabelecer quase ponto a ponto uma comparação com o clássico delírio de perseguição, descrito por seu mestre Lasègue.

De outra parte, a insistência de Cotard sobre a perda da visão mental nos estados de melancolia ansiosa refere-se à abolição de toda a significação ao que quer que se apresente ao campo visual do sujeito. Segundo o psiquiatra francês, os distúrbios da afetividade poderiam ser o substrato de como o delírio se desenvolve, atribuindo, assim, uma primazia do afetivo sobre o representacional nos sintomas desse quadro.

Após a morte de Cotard, o delírio das negações suscitaria uma enorme onda de discussões na psiquiatria francesa. Buscava-se estabelecer se aquilo que Cotard havia descrito tratava-se de uma nova doença ou constituía apenas uma forma severa de melancolia (cf. Berrios, 1996). Ambas as posições tiveram seu período de aceitação.

Nas classificações psiquiátricas contemporâneas, o termo “Síndrome de Cotard” praticamente desapareceu, dando lugar a expressões do tipo “Delírio niilista”. Além disso, a diminuição da frequência com que é atualmente observado, faz pensar que o progresso feito pelos tratamentos psiquiátricos, sobretudo psicofarmacológicos, impede a cronificação dos estados melancólicos, o que reforça a hipótese de que o Cotard seria uma marca de cronificação desses estados.

Tudo isso não impede que o quadro descrito por Cotard guarde todo seu interesse clínico, e sobretudo para o psicopatólogo, confrontado a uma condição paradoxal de padecimento na qual, ao contrário do terror de ser assassinado observado nos paranóicos, o sujeito sofre de uma impossibilidade de morrer e implora para que o matem. O quadro descrito por Cotard questiona o corpo, questiona a temporalização possível, questiona a primazia do apego à vida e à sobrevivência. O que resta da vida quando não se pode mais morrer?

1. M. Czermak, “A significação psicanalítica da síndrome de Cotard”, in *Paixões de objeto*, p. 150.

2. P. Bercherie. *Histoire et structure du savoir psychiatrique – Les fondements de la clinique I*, p. 126.

### Bibliografia

- BERCHERIE, P. *Histoire et structure du savoir psychiatrique – Les fondements de la clinique I*. Paris, Editions Universitaires, 1991.
- BERRIOS, G. *The History of Mental Symptoms*. Cambridge, The Cambridge University Press, 1996.
- COTARD, J; CAMUSET, M. & SEGLAS, J. *Du délire des négations aux idées d'énormité* (org. por J.-P. Tachon). Paris, L'Harmattan, 1997.
- CZERMAK, M. "A significação psicanalítica da síndrome de Cotard", in *Paixões de objeto*. Porto Alegre, Artes Médicas, 1991, pp. 149-167.
- POSTEL, J. & QUETEL, C. (orgs.). *Nouvelle histoire de la psychiatrie*. Toulouse, Privat, 1983.